

## A INTERDISCIPLINARIDADE FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO

Wellington Costa de Oliveira<sup>1</sup>  
Diane Aparecida Figueiredo<sup>2</sup>  
Saulo Magno Firmo Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é resultado de um estudo que busca compreender a interdisciplinaridade do ensino da filosofia no Ensino Médio. Partindo da premissa que filosofia no ensino médio tem o objetivo de despertar o aluno para um novo olhar do mundo que o circunda, e, que a disciplina de filosofia não traz respostas prontas, ao contrário, deve estimular ao aluno a perguntar-se e a questionar-se sobre a realidade. Enfatiza-se, portanto, que é na instituição de ensino que devem ser desenvolvidas as atitudes ligadas ao pensamento, de forma que o indivíduo possa se colocar no espaço e no tempo em que vive de maneira efetiva para si e para o grupo que o cerca. Por essa ótica, faz-se necessário observar que o conteúdo de Filosofia não deve ser objeto de memorização de datas, filósofos e fragmentos de pensamentos, mas deve ser um exercício constante do pensar e refletir. Esse artigo trata do ensino de Filosofia numa perspectiva interdisciplinar e seu objetivo é refletir sobre a eficácia dessa metodologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de filosofia; interdisciplinaridade; filosofia no ensino médio.

### THE PHILOSOPHICAL INTERDISCIPLINARITY IN MIDDLE SCHOOL

**ABSTRACT:** The present work is the result of a study that seeks to understand the interdisciplinarity of philosophy teaching in High School. Starting from the premise that philosophy in high school has the objective of awakening the student to a new look of the world that surrounds him, and, that the discipline of philosophy does not bring answers ready, instead, it should stimulate the student to ask himself and question reality. It is emphasized, therefore, that it is in the educational institution that the attitudes linked to thought must be developed, so that the individual can place himself in the space and time in which he lives effectively for himself and for the group that surrounds him. From this point of view, it is necessary to observe that the content of Philosophy should not be object of memorization of dates, philosophers and fragments of thoughts, but should be a constant exercise of thinking and reflecting. This article deals with the teaching of Philosophy in an interdisciplinary perspective and its objective is to reflect on the effectiveness of this methodology.

**KEYWORDS:** philosophy of education; interdisciplinarity; philosophy in high school.

## 1 INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007), Pós-graduado em Língua Portuguesa pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM, Pós-Graduado em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI, Especializando em Língua Brasileira de Sinais, pelo Instituto Cotemar. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. MESTRE EM CIÊNCIAS HUMANAS - MPICH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: wellington\_costa\_de\_oliveira@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Graduada em Letras Português/Francês e Direito pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro – FENORD. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdades Integradas Simonsen. Técnico Administrativo em Educação do Campus do Mucuri – UFVJM. E-mail: diane.figueiredo@ufvjm.edu.br

<sup>3</sup> Secretaria de Educação de Minas Gerais

. Graduado em Direito pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro – FENORD. Graduado em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES. Professor do Ensino Médio do Estado de Minas Gerais – SER-TO. E-mail: saulofirmo1@hotmail.com

Ao analisar a eficácia da abordagem filosófica interdisciplinar da filosofia no Ensino Médio, far-se-á uma reflexão da Filosofia, enquanto disciplina no Ensino Médio, partindo da hipótese que é um saber transdisciplinar e necessário ao currículo. Fato que a torna uma disciplina obrigatória. Faço uma análise dos conceitos de disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade com o intuito de demonstrar que o caráter disciplinar ao mesmo tempo não exclui a dimensão transdisciplinar do saber filosófico, nem a aplicação de uma abordagem interdisciplinar no processo de ensino da filosofia.

A relevância da análise aqui proposta é pelo fato de propiciar uma reflexão sobre o ensino de filosofia e sua relação com as orientações indicadas pelos documentos legais que orientam tais práticas e determinam seus objetivos. Foi observado que diversos problemas surgem quando se pretende concretizar práticas eficientes no ensino de filosofia. Entretanto, percebe-se que uma abordagem interdisciplinar pode lançar luzes sobre essas questões. Desse modo, esse artigo poderá ser útil a professores de Filosofia, a alunos do curso de licenciatura em Filosofia, a pesquisadores da área e demais profissionais da educação que se interessem por essa temática.

## **2 O CARÁTER TRANSDISCIPLINAR E PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DO ENSINO DE FILOSOFIA.**

Vale ressaltar que a Filosofia em sua origem já nasceu transdisciplinar. Isso é um fato aceito para qualquer conhecedor da área, seja filósofo ou não. De acordo com Souza (2005, p.119): “a filosofia é o único saber não reducionista. Pois o seu objeto não delimitado, reagrupa tudo que existe, a realidade inteira. Pode-se dizer que toda filosofia é, com efeito, uma teoria do real” (SOUZA. 2005, p. 119). Torna-se claro que o filósofo não tem a intenção de sistematizar em uma única teoria toda a realidade, mas em dialogar com esse real de forma global.

Destaca-se que entre as diferentes definições da palavra Filosofia, o “dialogar” aparece em muitas como uma das possibilidades de conceituação do termo. Souza (2005) complementa que:

[...] esse diálogo não é apenas um conversar sobre algo, mas uma constante busca de superação dos que os gregos denominavam *dóxa* e que se traduz, no português, por opinião. Assim sendo, o diálogo filosófico é a busca da sabedoria *sophia*, não com o intuito de posse ou domínio, mas para estar constantemente em harmonia com ela (SOUZA. 2005. P.119).

Nessa necessidade de buscar a sabedoria, a filosofia se surge como uma ferramenta de duplo escopo que é o alcance de um conhecimento integralizado e a educação. Através dos quais o ser humano se realiza de forma integral. Essa situação encontra respaldo no pensamento proposto por Souza ao enfatizar:

[...] A sabedoria é esse saber prático que ultrapassa todos os saberes particulares, porque não é apenas útil a tal ou tal homem, como são os saberes do físico, do artesão, do médico ou do jurista. Trata-se de um saber universal, transdisciplinar indispensável a todos os homens enquanto homens, para que realizem a sua humanidade. (SOUZA 2005, p. 119)

Com base na citação acima, pode-se inferir dois aspectos importantes para a discussão aqui proposta. O primeiro deles é que a filosofia busca a sabedoria enquanto saber global; o segundo, esse saber é transdisciplinar e imperioso para a construção do homem enquanto ser humano.

No que tange à busca da sabedoria enquanto conhecimento global, pressupõe que o real é tomado pela filosofia em sua totalidade. Distinguindo assim o pensar filosófico daquele adotado pela ciência moderna que busca a fragmentação do real, ou seja, o conhecimento especializado de uma parte da realidade. Conforme descreve Japiassu (2012): “esteve sempre reservado à filosofia o privilégio de pensar global e reflexivamente a diversidade dos conhecimentos parciais” (JAPIASSU. 2012, p. 49). Tal reflexão vem ao encontro daquilo que Souza (2005) propõe em seu pensar a transdisciplinaridade da Filosofia, que a mesma reside precisamente na capacidade de atravessar as barreiras dos mais variados saberes em busca da construção de um conhecimento integrado e totalizante.

Destaca-se ainda, que esse conhecimento é a base que constitui o conjunto de saberes sistematizados e produzidos historicamente pelo homem. Conhecimento esse denominado por Saviani (2013) como “conteúdos de ensino”. Tem-se aqui a junção entre filosofia e Educação. Sendo assim, Saviani afiança que a especificidade da Educação ou do trabalho educativo “é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI. 2013b, p. 13). Tal fato só ocorrerá através do saber sistematizado, ou seja, a ciência que, durante os séculos, foi produzida pelo homem.

A filosofia é um fator de integralização do conhecimento do real, como se pode ver nos escritos de Gallo e Kohan:

“as ciências fragmentaram o real por meio da especialização dos saberes, por isso, compete à filosofia a função de rearticular os fragmentos, possibilitando uma visão da totalidade. Sendo assim, confirmo que a educação consiste na síntese feita por cada indivíduo do saber produzido pelo homem nas diversas ciências, no entanto, somente a filosofia pode garantir a unidade desta síntese” (GALLO e KOHARN, 2000, p.125).

A transdisciplinaridade da filosofia permite ao ser humano uma compreensão de si mesmo, de suas crenças e de seu papel na sociedade. Por conseguinte, essa prática irá dotar o ser humano de uma visão sistematizada do conhecimento pela via da reflexão-crítica do todo. Daí a necessidade da Filosofia enquanto disciplina obrigatória no currículo escolar do Ensino Médio. Fato já evidenciado por Gallo e Kohan:

[...] é na escola que a filosofia adquire o papel de principal vetor da interdisciplinaridade, e aí que nos parecem está a origem dos argumentos que hoje procuram justificar o espaço curricular da filosofia no ensino médio (GALLO et all. 2000, p. 185).

A interdisciplinaridade da filosofia encontra força na citação supracitada. Principalmente quando se busca formar cidadãos do mundo e para o mundo. Pessoas com capacidade de refletir sobre a realidade que as cerca e propor mudanças dentro da sociedade em que vivem.

Souza ressalta em seus estudos que a Filosofia se relaciona com diversos saberes, tais como: artísticos, técnicos, práticos e científicos. No entanto, de acordo com Souza, nenhum desses saberes pode suprir o que o saber filosófico. Saber esse que se denomina a busca da sabedoria, que integra o tempo, a ciência, os valores, o agir, pensar e o ser. Surge, portanto, a função interdisciplinar da filosofia.

Sendo assim, torna-se impensável extirpar dos ambientes educacionais o conteúdo filosófico. Haja vista, que a escola, em tese deveria ser o local de se formar seres pensantes e críticos. Ainda que algumas correntes defendam que a filosofia é uma forma de reflexão e não uma disciplina. Tal situação precisa ser repensada com cuidado, para não se cair na ilusão que essa forma de pensar pode ser ensinada por outras disciplinas em seus conteúdos. O fato de não se ter uma disciplina obrigatória de filosofia no Ensino Médio, pode causar um prejuízo a formação humano das pessoas. Conforme está previsto nas orientações curriculares nacionais para o Ensino Médio:

DOI [10.69568/2237-5406.2019v2n3e3428](https://doi.org/10.69568/2237-5406.2019v2n3e3428)

A filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no ensino médio, sendo condição para que ela possa agregar com sucesso, projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, colaborar para o pleno desenvolvimento do educando, deste modo, à filosofia não deve ser recusado o seu lugar no currículo (BRASIL, 2006, p. 15).

Algumas pessoas podem inferir que ao tornar a filosofia em disciplina obrigatória, ela irá perder a sua natureza inter/transdisciplinar. Pois terá que cumprir conteúdos previamente estabelecidos não abrindo espaço para a reflexão e análise crítica. Precisa-se ter claro que transdisciplinaridade da filosofia não está ligada a ser ou não disciplina. Ela nasce do ato de pensar, ou seja, independentemente de estar fora ou dentro da escola, a filosofia não perde a sua essência conforme ressalta Ghedin “está no ato de filosofar, o qual propicia a abordagem de qualquer tema por meio da reflexão, da manipulação intelectual, tendo em vista o caráter crítico-reflexivo próprio da filosofia” (2009, p.126).

O mesmo foi observado nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

que a compreensão da filosofia como disciplina reforça, sem contradição, a sua capacidade transdisciplinar, pois a filosofia não se liga apenas com as ciências humanas, mas com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstração, estabelecendo delas a boa lógica e a reflexão epistemológica; da mesma forma que, pela valorização do texto, da palavra e do conceito a filosofia gera interação com as áreas da linguagem. (BRASIL, 2006, p.126).

Assim como Japiassu, não há como vislumbrar essa perda da inter/transdisciplinaridade da filosofia enquanto disciplina.

[...] Disciplinaridade significa a exploração científica e especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, isto é, o conjunto sistematizado e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos de ensino, da formação, dos métodos e das matérias. (JAPIASSU, 1976, p.72).

De acordo Japiassu a interdisciplinaridade está ligada:

[...] à disciplinaridade, permitindo a reconstrução da unidade do conhecimento, que as barreiras da disciplina constroem, pois, a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade de trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, não apenas uma coincidência disciplinar, mas um diálogo em busca de uma compreensão mais unitária do conhecimento. O embasamento da interdisciplinaridade está na superação das fronteiras disciplinares por meio do diálogo entre elas (JAPIASSU 1976, p.127).

Para clarear um pouco o nosso pensamento, faz-se necessário entendermos o que seria interdisciplinaridade. Para tanto, recorre-se a alguns teóricos do assunto com intuito de termos uma base conceitual.

Fazenda (2013):

Ainda existe uma precariedade por parte dos professores quando se trata dessa temática. Eles se sentem embaraçados diante a ideia de implementação da interdisciplinaridade na prática docente. Todavia, é necessário que o conceito da interdisciplinaridade possa expressar o que essa forma de abordagem dos conhecimentos realmente é (FAZENDA 2013, p.127).

Zabala (2010):

“que existe uma possível definição que aborda três tipos de relações entre os conteúdos “a multidisciplinaridade, que discute da forma mais tradicional de organizar as disciplinas, na sua “não relação” com outros conhecimentos disciplinares, sendo tratado cada conteúdo de forma independente dos outros; a interdisciplinaridade, que é a interação entre duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de ideias até a integração mútua dos conceitos fundamentais e da teoria do conhecimento, muitas vezes podendo originar um outro campo do saber, como, por exemplo: psicolinguístico, bioquímico, entre outros e a transdisciplinaridade, que é vista como o grau máximo de interrelação entre as disciplinas, um todo organizado de forma global dentro de um sistema totalizador”. (ZABALA 2010, p.129).

É visível com base nas citações acima que não basta haver relações entre disciplinas para se compreender o que vem a ser interdisciplinaridade. É necessário entender a interdisciplinaridade como algo que surge de um processo que vem se aprimorando há pelo menos quatro décadas. Não obstante, para se chegar a uma definição de interdisciplinaridade, é mister conhecer um pouco sobre o estatuto do conhecimento produzido pela ciência moderna. Nesse aspecto, recorre-se aos escritos de Gusdorf:

salienta uma crítica ao conhecimento criado pela ciência moderna, explanando a maneira negativa da especialização que se exprime numa impossibilidade de compreensão da realidade humana: A ciência é a consciência do mundo. A doença do mundo moderno corresponde a um fracasso, a uma demissão do saber. [...] Quanto mais se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana. Sendo assim podemos dizer que existe um afastamento do humano, prisioneiro de um discurso tanto mais rigoroso quanto mais bem separado da realidade global, proferindo-se num esplêndido isolamento à ordem das realidades humanas (GUSDORF 1976, p. 14).

De acordo com Gusdorf, a fragmentação do conhecimento pela ciência não consegue dar conta de toda a realidade humana. É latente a incapacidade criada pela

ciência, ao focar apenas um determinado aspecto da realidade, em compreender a realidade humana que é complexa e multifacetária.

Ao encontro do que foi dito acima Silveira (2000), nos diz:

Não é possível se falar do homem, seja no discurso das ciências exatas, seja no discurso das ciências biológicas e, principalmente, das ciências ditas humanas e sociais sem se considerar que o homem é um todo. Ele não é somente biológico, ou somente social, ou somente um aglomerado de átomos. O homem é um ser complexo, com sua realidade cultural, fruto de suas intervenções na natureza. (SILVEIRA, 2000, p.129).

Nesse momento, recorrer-se a Montaigne para dizer que a ciência da modernidade é uma “ciência sem alma”. Devido a sua tentativa de particionar a realidade em pedaços cada vez menores. O que reduz o objeto a um ponto de vista partícula não proporcionando a visão do todo. Tal situação não é aplicável a ser humano e ao mundo humano devido a complexidade do ser e do mundo.

Gusdorf alerta sobre essa divisão da ciência moderna da seguinte forma:

[...] dissociação sempre crescente das disciplinas científicas, segundo um processo de inflação galopante, constitui a expressão de um desmembramento da realidade humana. A túnica inconsútil da unidade do saber dissociou-se em parcelas cada vez mais diminutas. A ciência em migalhas de nossa época não passa de uma imagem da consciência esmigalhada, incapaz de formar uma representação de conjunto do mundo atual. Onde o desequilíbrio ontológico de que suporta nossa civilização (GUSDORF 1976, p. 15).

Diante da fragmentação do ser humano e do mundo que o cerca, a ideia de interdisciplinaridade proposta por Japiassu (1976) se justifica. Conforme se pode ver:

A interdisciplinaridade é um tríplice protesto: contra um saber fragmentado, que fecha as possibilidades de acesso ao conhecimento verdadeiro; contra um sistema universitário e socioeconômico que compatibiliza os seres humanos em setores do conhecimento e da prática; e contra o conformismo com essa situação (JAPIASSU 1976, p.129).

Dessa forma, cada dia se torna mais necessária a busca por um conhecimento generalista, que conduza o ser humano ao conhecimento do todo. Ao mesmo tempo, sem desconsiderar os avanços científicos no campo do conhecimento especialista.

Como aponta Ferreira:

que a essência da interdisciplinaridade tem de estar na visão holística que se tem do conhecimento, pois desde que a ciência se constituiu em saberes fragmentados, separados em vários ramos, divorciados da filosofia, da arte e

da religião, o homem enfrenta uma situação de limitação que separa o conhecer do existir (FERREIRA 2013, p. 24).

A interdisciplinaridade, por sua vez, situa-se na possibilidade de diálogo entre os diversos saberes constituídos, centra-se nessa troca e na reciprocidade que pode existir entre as diversas áreas da ciência e as diversas áreas do saber.

É importante salientar que essa troca, segundo Assumpção (2013), ratificando o pensamento de Ferreira (2013), se confirma ao fazer a análise etimológica da palavra, na qual o termo 'inter' evoca a relação, a troca, a reciprocidade; o termo 'disciplina' alude ao conhecimento epistêmico; e o termo 'ridade', por sua vez, indica uma ação ou o resultado de uma ação. Todavia, na origem desse substantivo composto por dupla afixação, tem-se o sentido claro de relação de troca e reciprocidade entre as diversas áreas do saber epistêmico, como ação ou como resultante dessa.

Desse modo, segundo Japiassu, a interdisciplinaridade:

[...] é o trabalho em comum de busca de interação, entre uma ou mais disciplinas, de seus conceitos diretrizes, de sua metodologia, de sua epistemologia, de seus procedimentos, de seus dados, bem como da organização da pesquisa e do ensino que dela possa decorrer [...] A característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela incorpora os resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise a fim de fazê-los integrar, depois de havê-los comparado e julgado. (JAPIASSU 1976, p. 32).

A interdisciplinaridade não pode ser vista apenas como uma relação entre as disciplinas. Ela é a possibilidade de resposta à fragmentação ciência moderna.

Após a exposição dos conceitos de disciplinaridade e de interdisciplinaridade. Passa-se agora a proposição inicial do trabalho, como construir uma interdisciplinaridade filosófica no Ensino Médio?

Para responder a essa questão, recorre-se a Rocha (2013), para o qual a didática da Filosofia implica algumas questões: a primeira, uma atividade reflexiva, enquanto julgamento minucioso das ideias que procedem o cotidiano; a segunda, essa atividade deve ser uma reflexão totalizante, visto que a Filosofia visa o todo. Logo, a aula de Filosofia exige a imersão na realidade. Silveira (2000) clareia essa ideia garantindo que o homem estudado pela Filosofia é o homem contextualizado em suas vivências históricas, sociais, econômicas, políticas e culturais, que somente poderá ser entendido dentro desse conjunto de relações, a partir da síntese dessas



múltiplas determinações. Desse modo, pode se dizer que a Filosofia tem que partir da prática social.

Em decorrência, como anuncia Gontijo (2013), em se tratando do ensino de Filosofia, a interdisciplinaridade é o grande recurso de transposição didática. Sendo assim, pode-se afirmar que, enquanto conhecimento, a Filosofia é transdisciplinar, mas deve ser fazer presente no currículo escolar de forma disciplinar e o seu método de trabalho deve ser, necessariamente, interdisciplinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apontar a eficácia interdisciplinaridade filosófica no Ensino Médio. Abriu-se uma discussão sobre o caráter transdisciplinar da Filosofia, a importância da obrigatoriedade dessa disciplina no Ensino Médio e por fim o seu ensino através de uma abordagem interdisciplinar.

Pode ser dizer que a importância deste trabalho está em confirmar que existe possibilidade de um ensino ativo de filosofia, que gere resultados de forma séria, não apenas fazendo discussões desvinculadas da prática e inferiores de conhecimento científico.

A interdisciplinaridade, tão indispensável para construção de um conhecimento globalizado aliada a filosofia, enquanto desejosa e predisposta à análise do real como um todo, oferece uma grande ferramenta para o enfrentamento da crise das ciências modernas em relação ao conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Ismael. Interdisciplinaridade: uma tentativa de compreensão do fenômeno. In FAZENDA, Ivani (Coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 29-31.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, 20 dez. 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. v. 3. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Básica, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: PCN+ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 2002.

\_\_\_\_\_. **Resolução do CBE/CNE nº 2, de 30 jan. 2012**: define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Diário Oficial da União, 31 jan. 2012.

CORTEZ, W. O.; WUWNSCH, A. M. **Filosofia para crianças**. A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Vol. I. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Filosofar**. São Paulo: Saraiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da Filosofia**: para uma geração consciente. 3 ed. São Paulo. Saraiva, 1988. 224 p

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. In **Cadernos CEDES**. Centro de estudos Educação e Sociedade, v. 19, n. 44, p. 85-106, 1998.

ESQUISANI, Valdecir Antônio. **Ensinar a Pensar**. Mundo Jovem – Um Jornal de ideias. Porto Alegre. Editora da PUCRS, nº 313, p. 19, fevereiro 2001.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: definição, projeto e pesquisa. In **Práticas interdisciplinares na escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 17-22.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 15. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério formação e trabalho pedagógico).

FERREIRA, Maria Elisa de M. P. Ciência e Interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (Coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 23-28.

GADOTTI, Moacir. **Projeto Político Pedagógico da Escola**: fundamentos para a sua realização. In GADOTTI, M. e ROMÃO, J.E. (orgs). **Autonomia da Educação: princípios e propostas**. São Paulo. Cortez, 1997.

GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no Ensino Médio. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. 3. ed. v. 6. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196. (Coleção Filosofia na escola).

GAMBIM, Pedro. **O que é filosofia?** Mundo Jovem – um Jornal de ideias. Porto Alegre. Editora da PUCRS, nº 303, p. 16, fevereiro 2000.

GARCIA, Regina L. O Orientador Educacional e o Currículo. In: **Prospectiva 2** (14), Porto Alegre. AOERGS, 1985.

GASPARIAN, Colello S. M. **Reforma Curricular Brasileira: para onde vai a formação do Professor?** Disponível em: <[http://www.f.usp.br/psicologia\\_escola.doc.link](http://www.f.usp.br/psicologia_escola.doc.link)>. Acesso em: 10 set. 2018.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Educação Contemporânea).

GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação).

GHIRALDELLI JR, Paulo. Filosofia. In: SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles; GHIRALDELLI JR, Paulo (Orgs.). **Humanidades**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 155-162.

GONTIJO, Pedro. Didática para além da didática. In: CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabriele (Orgs.). **Ensinar Filosofia**. v. 2. Cuiabá, MT: Central do Texto, 2013, p. 51-59. (Coleção Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio).

GRINSPUN, M.P.S.(org.) **A prática dos orientadores educacionais**. S. Paulo: Cortez, 1994.

GUIDO, Humberto A. O. A filosofia no Ensino Médio: uma disciplina necessária. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. 3. ed. v. 6. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 81-93. (Coleção Filosofia na Escola).

GUSDORF, G. Prefácio. In: JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 7-27.

JAPIASSU, H. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KOAN, W. O.; WAKSMAN V. **Filosofia para Crianças: na prática escolar**. Vol. INTERNT. 3. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2000.

KOAN, W. O.; KENNEDY D. **Filosofia e infância: possibilidades e um encontro**. Vol. III. 2. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2000.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo. Nova Alexandria, 2002.

LIMA, Walter M. Considerações sobre filosofia no Ensino Médio brasileiro. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. 3. ed. v. 6. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 197-205. (Coleção Filosofia na Escola).

MORAES, Paulo Roberto. **Geografia Geral e do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Harbra, 2011.

NETO, José Alves de Freitas; TASINAFO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Harbra, 2006.

PERRENOUD, PHILIPPE. **Construir as competências desde a Escola**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 1999.

\_\_\_\_\_. **Novas competências para Ensinar**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.

POSSA, Leandra Bôer. Metodologia da Pesquisa. *In*: SILUK, Ana Cláudia Pavão (org.) **Curso de Especialização à Distância em Educação Especial**. Santa Maria. UFSM, CE, 2008.

ROCHA, Ronai Pires. A didática na disciplina de filosofia. *In*: CARVALHO, Marcelo; CORNELLI, Gabriele (Orgs.). **Ensinar Filosofia**. v. 2. Cuiabá, MT: Central do Texto, 2013, p. 39-47. (Coleção Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio).

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 1985.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia**. 41. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

\_\_\_\_\_. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013a. (Coleção Memórias da Educação).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013b.

SILVEIRA, Renê J. T. Um sentido para o ensino de filosofia no nível médio. *In*: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 129-149. (Coleção Filosofia na escola).

SOUZA, Cristiano Samir. A “natureza” transdisciplinar da filosofia. *In*: HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; SOUZA, Cristiano Samir (Orgs.). **Transdisciplinaridade e complexidade**. Natal, RN: CEFET, 2005, p. 108-131.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. 5. ed. São Paulo. Libertad, 1999.

DOI [10.69568/2237-5406.2019v2n3e3428](https://doi.org/10.69568/2237-5406.2019v2n3e3428)

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ZANGLELINI, Laércio. **Por que Filosofia no contexto atua?** Mundo Jovem – Um Jornal de ideias. Porto Alegre. Editora da PUCRS, nº 315, p. 9.